

AMIGOS DE FÉ

A graça de Deus e dos orixás

Padre José e Pai Zezito de Oxum provam que a convivência entre religiões não é sonho impossível

■ CLARISSA MONTEAGUDO

clarissa.monteagudo@extra.inf.br

■ Quando assumiu a Igreja de São Lázaro, em São João de Meriti, o padre José Carlos Francisco, de 57 anos, ficou impressionado com o estado da imagem do santo. Estava deformada. Na crença popular, o problema era “quizila”, chateação de São Lázaro por seu templo ter ficado fechado. O padre não teve dúvidas. Ouvia o conselho de uma amiga mãe-de-santo.

— Ela me mandou limpar a imagem com anil, lavar toda a igreja com a água e depois ainda pôr água com flor de laranja. Anil ia tirar a quizila de Omolu, que é sincretizado com São Lázaro. Lavamos tudo e a imagem ficou perfeita, novinha — conta o padre.

Religião que une

Amigo das nações de candomblé, o padre José é um exemplo de como a religião pode unir, em vez de dividir pessoas de diferentes credos. Há sete anos, ele também reza missas e ministra os sacramentos na Igreja de Nossa Senhora do Carmo, em Belford Roxo.

Construída pelo pai-de-santo Zezito de Oxum, o templo católico fica em frente ao terreiro “Culto Afro Corte Real da Nação Ijexá”. Pai Zezito liga pessoalmente para o padre quando tem criança para batizar.

— Graças a Deus, o padre José é uma pessoa muito boa. A gente sempre conversa pelo telefone, fala sobre as missas, ele sempre atende a nossa comunidade.

O padre devolve os elogios do amigo:

— O Zezito é um pai espiritual para mim. Ele sempre me dá muitas orientações. Estou conseguindo reformar a igreja. Com a graça de Deus e dos orixás.



PADRE JOSÉ Carlos visita o terreiro de Pai Zezito: “Fazemos evangelização sem discriminação”

Caridade além das diferenças

■ Pai Zezito mantém uma escola gratuita para crianças de famílias muito carentes da região. A professora Luana Carvalho, de 31 anos, admira o trabalho social promovido pelo religioso, que também distribui cestas básicas para famílias.

— Nós não misturamos a crença com o ensino. Sou católica e nem entendo nada sobre o candomblé. Às vezes, a criança não comeu nada em casa. Ele dá bolo, merenda todos os dias — diz Luana.

Severo, Zezito exige que os estudantes aprendam a cantar o Hino Nacional e saibam rezar o Pai Nosso.

— É uma oração para gente de todas as religiões. Hoje, em dia, as crianças não sabem re-

zar, por isso que o mundo está como está — diz o religioso.

Tolerância

Localizado no terreiro, o Poço de Oxum de Pai Zezito já forneceu água para muitos vizinhos. Respeitado, o pai-de-santo, que abriu sua casa aos 14 anos, ainda em Salvador, ri quando lhe perguntam se sofreu algum tipo de intolerância:

— Eles conhecem a pedra que bolem. Lagartixa sabe onde bate a cabeça.

Padre José também não discrimina ninguém na hora

de ser chamado para fazer um batizado ou ministrar qualquer outro sacramento. Sempre envolvido em trabalhos sociais com comunidades carentes, o sacerdote já realizou casamento em terreiro de candomblé.

— Gosto de rezar missa no terreiro. Aqui, não tem hipocrisia, gente olhando um a roupa do outro. É fé de verdade, como deve ser — ensina o padre.

“Percebi que a sociedade pode tornar-se democrática.”

Clarissa Monteagudo
repórter

■ A amizade entre Padre José e Pai Zezito não foi a única lição de tolerância que aprendi durante a série “Inimigos de fé”. Sentir a reação de pessoas dos mais diferentes credos, idades e classes sociais ao candomblé era uma das mais importantes missões do trabalho. Durante dois dias, acompanhei grupos de religiosas com trajes afro pela cidade. Na segunda tarde, eu vesti branco para passar despercebida. Chegamos à plataforma do trem para Japeri, no vagão onde são realiza-

dos os cultos. À minha volta, só pessoas respeitadas, tranqüilas e em busca de fé e oração após o trabalho. Nenhum ato intolerante, nenhuma agressão, nada. As candomblecistas seguiram viagem até Nilópolis. Houve culto no vagão, orações. Nenhuma ofensa. Após esse dia, eu percebi que nossa sociedade pode um dia se tornar realmente democrática. Como disse o Reverendo Marcos Amaral, pastor da Igreja Presbiteriana de Jacarepaguá, essa realidade pode ainda só ser um rabisco, mas esperamos que gere um belo desenho no futuro.

O caminho dos orixás

A História da religiosidade afrobrasileira mostra que os passos de pais e mães-de-santo estiveram lado a lado com a conquista da liberdade pelos escravos

● **Primeira metade do século 19:** Os candomblés começam a se organizar em cidades litorâneas, pois os negros, que viviam antes isolados nos engenhos, no campo, já ganham mobilidade como escravos de ganho nos centros urbanos. Eles criam reuniões religiosas, como as realizadas pela Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte, em Salvador, que darão início às casas de candomblé da Bahia. A primeira casa-de-santo do Brasil é o Ilê Axé Iyá Nassô Oká, a Casa Branco do Engenho Velho, em Salvador. É um tributo a Iyá Nassô, que teria sido mulher de Bâmbôse, sacerdote africano que veio ao Brasil como homem livre e teve uma enorme importância na religião. A casa deu origem a outros terreiros famosos como o Gantois e o Òpô Òpô Afônjá. Não há documentação, muitos atribuem a uma lenda, mas religiosos da tradição citam três princesas africanas, tomadas escravas Iyá Detá, Iyá Kalá e Iyá Nassô, como as fundadoras do candomblé baiano, ao lado de Bâmbôse

● **1894** - Nasce Mãe Menininha do Gantois, a mais famosa ialorixá do Brasil, mentora espiritual de personalidades célebres, como Jorge Amado, Dorival Caymmi, Vinicius de Moraes e Antonio Carlos Magalhães

● **1907** - Nasce em Luanda, um dos maiores ícones do candomblé do Brasil, o Pai Agenor Miranda, iniciado em nação ketu, era chamado de “santinho” pelos religiosos

● **1908** - É fundada a umbanda em um centro em Neves, em São Gonçalo, onde Zélio de Moraes incorporou o Caboclo das Sete Encruzilhadas

● **1910** - Fundação do Òpô Òpô Afônjá, por Mãe Aninha

● **1914** - Nasce, na Bahia, Joãozinho da Goméia, o mais popular pai-de-santo do Rio de Janeiro, chamado “O rei do candomblé” por causa de um disco que lançou em 1969

● **1931** - Jorge Amado publica seu livro “O país do carnaval”, dando início a uma fértil produção de obras sobre a cultura brasileira, com ênfase nas tradições afro

● **1936** - Ícone da nação Jeje, Tata Fumutinho funda em Santo Cristo, no Rio de Janeiro, a casa Kwe Seja Nassô, em Santo Cristo

● **1938** - Dorival Caymmi compõe “O que é que a baiana tem?”. A cultura africana é uma das principais inspirações do compositor, que também assina a canção “Oração de Mãe Menininha”, de 1972, gravada por Gal Costa e Maria Bethânia

● **1967** - Lançamento do CD Canto de Ossanha, de Vinicius de Moraes e Baden Powell, com canções como “Canto de Xangô” e “Lamento de Exu” inaugurando o estilo afro-sambas

● **1969** - Salgueiro ganha o Carnaval com o enredo “Bahia de Todos os Deuses”. Repetiria o feito em 1971 com a “Festa para um Rei Negro”

● **1970** - Clara Nunes passa a cantar sambas, muitos com temática afro, também presente em seu visual

● **1988** - Vila Isabel marca a história do carnaval com o enredo “Kizomba, a Festa da Raça”

● **2008** - Ano do centenário da umbanda, marca a criação do Fórum Inter-religioso para defender a liberdade de crença no Brasil e a Caminhada em Defesa da Liberdade Religiosa, em Copacabana

Pai dos orixás, respeitado e sábio, Oxalá carrega o opaxorô, o cajado sagrado, simboliza a paz entre as dimensões terrena e espiritual

TRADIÇÃO

As religiões de matriz africana foram fonte de inspiração para muitos ídolos da música popular brasileira e enredos campeões de escolas de samba, cujo sucesso ajudou a popularizar a fé nos orixás